

Sarney vai Economia - Brasil mostrar renda já distribuída

GAZETA MERCANTIL

por Getúlio Bittencourt
de São Paulo

O presidente José Sarney deve demonstrar, com números, que nenhum governo republicano distribuiu tanta renda quanto o seu em tão pouco tempo, no pronunciamento que deve fazer nesta terça-feira. Ao longo da semana passada, ele manifestou diversas vezes sua satisfação com os números da economia.

Em conversas com ministros de outras áreas, o presidente mencionou o êxito no combate à inflação, na queda dos juros, na retomada dos investimentos, na balança comercial, no crescimento do PIB e na redistribuição da renda. Sua única preocupação é com os ganhos reais de salário, considerados muito elevados e que poderiam gerar tanto uma inflação de demanda quanto o comprometimento das exportações. A produção se deslocaria brutalmente para o mercado interno.

Os dados que o presidente divulgará foram pacientemente coletados pela equipe do ministro da Fazenda, Dilson Funaro. Nesse processo de revisão das contas públicas descobriram-se surpresas inacreditáveis. A equipe do ministro da Fazenda anterior, Francisco Dornelles, teria calculado mal as contas nacionais.

Houve registros de erros matemáticos (certos dados foram contabilizados duas vezes). E equívocos burocráticos. Por exemplo, o Banco Central emite alguns títulos públicos, que são comprados pelo Tesouro Nacional. Essa contabilidade, de natureza eviden-

temente interna, foi somatizada pela equipe Dornelles no meio do déficit público. A receita foi calculada com uma taxa de inflação menor que a da despesa. Por esse lado, o déficit das contas nacionais deve ser inferior ao previsto para este ano (cerca de 2% em termos operacionais).

A ênfase do presidente na redistribuição de renda já feita pelo seu governo também tentará mostrar à opinião pública que não será possível recuperar todo o passivo de arrochos salariais de uma vez só. Ao fixar o reajuste do salário mínimo em 12%, aproximadamente, reais, o governo colocou um teto que a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, por exemplo, adotou incontinenti — é o mesmo índice de sua oferta aos metalúrgicos.

Sarney deve informar que a taxa de crescimento da economia neste ano será de 7%, 2% acima do mínimo desejado. A taxa nacional de crescimento de emprego será de 8%. Ao mesmo tempo, nesta Nova República, o salário médio real cresceu 14,5%. Este é o último cálculo do Ministério da Fazenda. Para um país que vem de uma recessão, é um bem. Para o senador Roberto Campos (PDS-MT), é só uma festa de curta duração.